

UM OLHAR DIALÓGICO SOBRE A MÚSICA “DOIS RIOS”: O PAPEL DO “OUTRO” NA CONSTRUÇÃO DO “EU”

Ramon Borges Portilho
Ramonborges1995@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9124281792150834>

Maria Eugênia Curado
curadoeugenia@otmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9079675234062860>

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar uma análise da música “Dois Rios” à luz da teoria do Dialogismo, considerando que a música em questão apresenta uma relação “eu/outro” que caracteriza o processo dialógico. Para a realização do estudo, fez-se um levantamento bibliográfico acerca das teorias de Mikhail Bakhtin e de outros teóricos que bebem dessa fonte, como: (BRAIT, 2001; 2006); (FARACO, 2009); (FIGUEREDO, 2007) e (FIORIN, 2017). Ao observar a música, percebe-se que, embora não tenha sido escrita pensando em uma teoria da linguagem, há uma relação entre ela e a teoria bakhtiniana. A partir da análise, notou-se que os elementos citados no texto da música esboçaram características dialógicas, uma vez que apresentaram relação de completude a partir do momento em que houve a interação (FIORIN, 2007). Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa apontaram que é possível analisar a constituição do “eu” através do “outro” (GERALDI, 2003).

Palavras-chave: Dialogismo. Música. Interação eu/outro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo visa discutir a concepção dialógica de língua/linguagem de Mikhail Bakhtin (2006) na música “Dois Rios” composta por Nando Reis, tendo como intuito destacar a importância da interação entre os sujeitos para que eles se constituam. Para tal, partir-se-á da perspectiva de que “o sujeito não se constitui na medida em que se desprende do outro, mas, ao contrário, o sujeito se constitui na medida em que se relaciona com os outros” (GERALDI, 2003, p. 81). Com base na fala do autor, entende-se que é por meio da interação com o outro que o indivíduo se consolida no processo

dialógico. Em outras palavras, eu só me constituo a partir da inter(ação) com o outro (GERALDI, 2003).

Para dar sustentação às discussões, buscar-se-á respaldo teórico nas teorias de Mikhail Bakhtin e de pesquisadores que se pautam nas concepções bakhtinianas desenvolvidas pelo grupo conhecido como Círculo de Bakhtin. O ponto de partida para a relação entre a letra da música e a teoria bakhtiniana de língua/linguagem vem da fala de Geraldi (2003) quando estabelece uma relação entre o rio e as suas margens, afirmando serem as margens do rio o que o define e demarca.¹ Portanto, “para haver um interior é necessário um exterior e se um exterior existe, podemos nos imaginar neste exterior e, portanto, nossos limites são sempre mutáveis” (GERALDI, 2003, p. 81). O autor reforça a ideia de que a existência de um rio depende, necessariamente, de suas margens. O argumento é reforçado pela afirmação de que “o que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim” (GERALDI, 2003, p. 81).

O corpo do artigo será composto, a priori, por uma abordagem sobre a concepção dialógica de língua/linguagem pautada nas teorias desenvolvidas pelo viés do círculo bakhtiniano e por teóricos que bebem dessa fonte. Posteriormente, pretende-se estabelecer uma relação entre a teoria abordada e a letra da música em questão, partindo do pressuposto de que os sujeitos se constituem a partir da interação, como postulou Geraldi (2003) quando fez menção ao rio e suas margens. O estudo busca respaldo em teóricos como Bakhtin (1997; 2006); Geraldi (1984; 2006) Travaglia (1996); Cox e Silva (2002); Brait (2006); Fuza; Ohuschi e Menegassi (2011); Fiorin (2017); entre outros.

¹ “Mas lembremos sempre a noção de limites sociais: as margens, que estão fora do rio é o que definem o rio! Para haver um interior é necessário um exterior e se um exterior existe, podemos nos imaginar neste exterior, e portanto nossos limites são sempre mutáveis, a partir da memória de ter estado imaginariamente no exterior. As margens de um rio são necessárias para que o rio exista, digamos assim. Então, o que constitui o interior lhe é também exterior. O que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim, mas que, internalizado por mim, constitui heterogeneamente uma unidade, única e irrepitível” – Trecho da fala de João Wanderley Geraldino livro “*Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da lingüística*”, organizado por Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez em 2006.

1. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM: AFLUENTES DE UM RIO CHAMADO “LÍNGUA”

Os estudos linguísticos passaram por constantes transformações ao longo do tempo e por meio de tais transformações as concepções de língua/linguagem foram sendo ressignificadas. Assim, por meio dos estudos de Weedwood (2002), é possível compreender os como se deram os desdobramentos em relação aos estudos da língua/linguagem. A autora enfatiza as contribuições para os estudos referentes à língua desde a Grécia Antiga até as concepções de Bakhtin.

A priori, Weedwood (2002) afirma que os estudos sobre língua desenvolvidos na Grécia foram iniciados por Platão e pautavam-se na linguagem como meio de compreensão da realidade como simples fonte de conhecimento. Os estudos iniciados na Grécia compuseram toda uma tradição ocidental até 1900. Nesse período histórico surgem as discussões em torno da etimologia, a língua enquanto forma (fonética/morfologia) e o pontapé inicial em relação aos estudos da filologia comparativista (WEEDWOOD, 2002).

Posteriormente, o método comparativo ganha ênfase no campo dos estudos linguísticos. O comparativismo consistiu em um conjunto de princípios em que “as línguas poderiam ser sistematicamente comparadas no tocante se seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, de modo a demonstrar que eram “genealogicamente” aparentadas” (WEEDWOOD, 2002, p. 103). Outro momento importante dos estudos linguísticos foi a ascensão do estruturalismo. Essa corrente dividiu-se no estruturalismo americano, com Boas, Sapire Bloomfield; e no estruturalismo, europeu, com Saussure, sendo este último pautado na diacronia – desenvolvimento histórico de elementos isolados -e na sincronia – sistema de uma língua num ponto específico do tempo. Os estudos estruturalistas não foram aceitos de forma geral, porém, de acordo com Weedwood (2002), abriram caminhos para os linguistas posteriores a eles.

As transformações nas concepções linguísticas continuaram e surgiram as concepções gerativistas de Noam Chomsky, que entende a língua e seu uso como uma competência da capacidade psicológica geral. Posterior a Chomsky, como

gerativismo, surgiram as contribuições do funcionalismo. Essa corrente ganha força a partir dos estudos da Escola de Praga, entendendo a língua por meio da relação entre estruturas gramaticais de uma língua e seu uso em diferentes contextos comunicativos (CUNHA, 2008).

Posteriormente, deu-se início ao que se chama de virada pragmática, e nesse viés aparecem as contribuições de Mikhail Bakhtin. As concepções bakhtinianas entendem a linguagem a partir da interação e das relações sociais (Bakhtin, 2006). Sob essa perspectiva, desenvolvida no Círculo de Bakhtin, Fuza; Ohuschi e Menegassi (2011) defendem que o lócus da linguagem é a interação. Travaglia (1996) afirma que os usuários da língua, no papel de interlocutores, interagem por meio da linguagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais. Dentre as várias contribuições de Bakhtin, nos apropriaremos das discussões em torno do Dialogismo para dar corpo a este artigo, tendo em mente que a língua deve ser vista sob a perspectiva discursiva (GREGOLIN, 2006).

2. CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LÍNGUA/LINGUAGEM: DOS AFLUENTES A CONFLUÊNCIA LINGUÍSTICA

Para iniciar as discussões acerca da concepção dialógica de língua/linguagem, é importante destacar a fala de Figueredo (2007) pautada no que disse Bakhtin (1997). A autora, embasada nas contribuições bakhtinianas, afirma que é imprescindível não observar a língua apenas da ótica de seus signos isolados, desvinculando-a de sua circulação social, nem tampouco abordá-la apenas como um fenômeno sincrônico ou diacrônico. Para Figueredo (2007), é importante compreender a língua como um fenômeno social que se dá a partir da sua interação verbal com o contexto no qual ela circula.

O conceito de língua/linguagem desenvolvido por meio das perspectivas bakhtinianas entende que língua é “produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. É uma sistematização sempre em aberto” (GERALDI, 2003, p. 78). Portanto, compreende-se a língua como algo mutável, inacabado e em constante processo de construção. Geraldi (2003) afirma que ao mesmo tempo em que a língua é instrumento do

trabalho, é por este reproduzido, sendo um “produto” em constante processo de construção.

Sobre o caráter social da língua e os diálogos sociais estabelecidos, é importante compreender que tratam-se de “marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade” (MARCHEZAN, 2006, p. 118). Sendo assim, entende-se que língua/linguagem “não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes (BAKHTIN, 2006, p.150). A fala de Bakhtin (2006) está presente na fala de Geraldi (2003) quando o autor afirma que o processo social da língua trata-se de algo que demanda alteridades, sendo essas alteridades individualidades e subjetividades que vão se construindo ao longo do processo de uso da língua/linguagem. Em relação a essa interação entre individualidades e subjetividades, por vezes, diferentes, estabelece-se o processo interacional “um e o outro” (GERALDI, 2003, p. 79), surgindo daí o dialogismo bakhtiniano. Isso faz da língua algo diretamente atrelado ao contexto social. No que tange à alteridade Bakhtiniana, associada à veiculação das vozes no contexto em que elas circulam, Brait (2001) afirma que tais vozes se entrelaçam e se completam no processo dialógico.

Com base nos estudos de Bakhtin sobre a língua/linguagem e a relação dela com o contexto social, entende-se que “a palavra está associada à vida, visto que faz parte de um processo de interação em que o falante e seu interlocutor, inseridos histórica e culturalmente em contextos específicos de comunicação, podem compartilhar de valores socialmente construídos” (FIGUEREDO, 2007, p. 80). Sobre tal aspecto, associado à interação (BAKHTIN, 2006); (GERALDI, 2003), nota-se que a língua/linguagem se estabelece através de uma “abordagem social que lhe é própria, um “compartilhar com o outro” que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista” (DI FANTI, 1998, p. 98). Nessa perspectiva, entende-se a língua como um processo interacional que necessita da relação um-outro-outros para se estabelecer.

Segundo Bakhtin (2006), a língua se constitui em um processo de constante interação realizado por meio da relação social e verbal estabelecida entre interlocutores. Nesse viés, a língua não é um sistema estável de formas normativamente idênticas, pelo

contrário, ela se mostra heterogênea e em constante processo de evolução, mediante as maneiras como as relações sociais dos interlocutores vão sendo construídas.

Diante disso, Fuza; Ohuschi e Menegassi (2011) enfatizam que é a partir do diálogo que surgem as interações entre os interlocutores e, conseqüentemente, por meio do diálogo tais interlocutores são reconhecidos como sujeitos sociais nesse processo. Portanto, com base no enfoque dialógico, torna-se inviável qualquer discussão fechada e isolada sobre língua/linguagem, uma vez que a interação com o outro é dada como pressuposto nessa perspectiva.

Ao falar sobre dialogismo e o conceito de diálogo em Bakhtin, torna-se importante esboçar que esse conceito no Círculo de Bakhtin não se refere ao sentido amplo que o termo “diálogo” possui nas variadas significações sociais. Faraco (2009) afirma que, comumente, a palavra diálogo refere-se a uma sequência narrativa escrita em que são representadas as falas das personagens ou um processo interacional por meio da conversação face a face. No entanto, o conceito de diálogo dentro do Círculo pauta-se em investigar a complexidade que se dá no processo de construção dialógica e não o diálogo em si (FARACO, 2009).

Segundo Fiorin (2017), pautado nos estudos de Bakhtin, “a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica” (FIORIN, 2017, p. 21). Porém, ao fazer tal afirmação, o autor esboça que essas relações dialógicas não se restringem apenas ao contexto estreito do diálogo face a face. Fiorin (2017) afirma que todos os enunciados envolvidos no processo de comunicação são dialógicos, mesmo estando eles distantes no tempo ou no espaço. Tal perspectiva leva a considerar que um enunciador constitui seu discurso a partir do discurso de outrem. Portanto, todo discurso perpassa por outros discursos, podendo ser, inclusive, discursos que se apresentam em oposição um ao outro (FIORIN, 2017).

Para exemplificar tal ideia, Fiorin (2017) faz menção aos discursos por detrás da palavra “mulher”². Quando alguém enuncia a palavra mulher com ideia de força, fibra

²“Quando alguém diz *É mulher*, não está simplesmente enunciando um dado da realidade. Se estiver declarando isso com admiração, mostrando que as mulheres são dotadas de uma fibra incomum, estará opondo-se a outros discursos, que embebem essa afirmação de desdém, que insistem em manifestar a

e intrepidez, tal discurso só ganha legitimidade por se opor a outro discurso por detrás da palavra “mulher”, que a entende como o sexo frágil e inferior. Com isso, percebe-se que um discurso “X” se fortalece e se constitui a partir de um discurso “Y”, mesmo sendo eles opostos.

Sobre essa relação entre discursos que se opõem, Fiorin (2007) faz menção a heterogeneidade dos enunciados que revelam duas posições distintas nesse processo, “a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2017, p. 27), exibindo o direito e o avesso dos discursos socialmente construídos. Ainda sobre isso, o autor reforça a ideia de que as relações dialógicas são contratuais ou polêmicas, podendo ser de divergência ou convergência, de aceitação ou de recusa, e assim sucessivamente.

Na concepção dialógica a relação entre o “eu” e o “outro” se apresenta de maneira bastante significativa. Fiorin (2017, p. 60) afirma que “o princípio geral é que o sujeito atua em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro.” Dessa maneira, compreende-se que “eu” só me constituo a partir da interação com o outro nas relações sócio-discursivas, e essa interação, por meio do contexto, vai construindo os sujeitos que estão social e historicamente situados em dado contexto (FIORIN, 2017).

Na relação entre o “eu” e o “outro”, “o outro aparece ao mesmo tempo como figura e como fundo na relação com a palavra, como construtor do sujeito, ao mesmo tempo em que construído por ele, numa relação de mútua constituição” (MAGALHÃES E OLIVEIRA, 2011, p. 106). Nessa relação, os sujeitos existem e coexistem a partir do lugar que o seu “outro” ocupa nas relações dialógicas socialmente estabelecidas.

Ainda sobre essa relação, Figueredo (2007), pautada em Bakhtin (1997), afirma que mesmo os sujeitos sendo únicos em suas subjetividades e com vozes também únicas, o “eu” só consegue se constituir por meio do processo comunicativo e interacional com o “outro”. Bezerra (2005, p. 194) afirma que “eu me projeta no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim”. Assim, compreende-se que “o “eu” só existe a partir do diálogo com os outros “eus”” (FIGUEREDO, 2007, p. 86).

inferioridade do sexo feminino, como se costuma fazer em nosso país, por exemplo, ao ver alguém cometer uma manobra inábil no trânsito e ao notar que o motorista é uma mulher” (FIORIN, 2017, p. 22-23).

3. A MÚSICA “DOIS RIOS”: NO LEITO DO DIALOGISMO

Este tópico propõe-se a fazer uma análise da música “Dois Rios” à luz da teoria bakhtiniana sobre o Dialogismo. A música em questão é demarcada por uma constante relação entre opostos que se constituem a partir do outro. O objetivo é levantar essas relações e confrontá-las com a teoria em questão.

A música, a partir da relação “eu/outro” (FIORIN, 2017), apresenta uma relação entre opostos que se complementam no decorrer do texto e reforça a ideia de completude que ocorre quando os eles interagem (BAKHTIN, 2006). Vejamos suas duas primeiras estrofes:

O céu está no chão
O céu não cai do alto
É o claro é a escuridão

O céu que toca o chão
É o céu que vai no alto
Dois lados deram as mãos

A música é demarcada por uma constante relação entre opostos. As duas primeiras estrofes mostram essa oposição que, ao mesmo tempo em que se opõem também se completam. No primeiro verso o autor demarca a relação entre céu e chão que, situados no espaço, estão em lados opostos, mas que só possuem sentido em função do outro. Tal relação reforça o pensamento de Fiorin (2017), quando o autor afirma que um sujeito se constitui a partir de seu “outro”. Aqui, céu e chão são “o outro” um do outro e um só se constitui em função da discursividade que o outro carrega em si (BAKHTIN, 2006).

O verso “O céu não cai do alto” reforça que o céu não cai sobre o chão porque está em perfeito equilíbrio com o seu oposto, mesmo estando ambos situados em lugares diferentes. Sobre a relação entre claro e escuridão no verso seguinte, volta-se novamente para a questão do sujeito se constituir a partir de seu outro. Discursivamente, claro e escuridão são opostos e ambos só estabelecem algum sentido em função do que um

representa para o outro (GERALDI, 2003). Tal perspectiva reforça a fala de Fiorin (2017) sobre os discursos presentes na sociedade. O autor afirma que um discurso só se legitima a partir de outro que o opõe, portanto, o discurso por detrás da palavra “escuridão” só faz sentido porque há um discurso por detrás da palavra “claro” que se posiciona de maneira oposta. Neste contexto, o discurso de um só estabelece um sentido em função do discurso de outrem. Tal aspecto revela duas posições distintas nesse processo “a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2017, p. 27), exibindo o direito e o avesso dos discursos socialmente construídos.

A estrofe seguinte diz respeito ao fato de o céu e o chão estarem separados fisicamente, mas ainda assim estarem em completa união. Quando o autor da música afirma que “dois lados deram as mãos”, tem-se em evidência dois indivíduos situados em lados diferentes que conversam e se encontram por meio da interação. Sobre essa interação, Di Fanti (1998, p. 98) afirma que trata-se de um “compartilhar com o outro” que exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista”.

Seguindo pelo texto da música, continua-se a observar os resquícios dialógicos em sua construção. Vejamos:

Como eu fiz também
Só pra poder conhecer
O que a voz da vida vem dizer

Essa estrofe dá sequência ao pensamento do verso “dois lados deram as mãos” em que o autor da música afirma ter feito o mesmo que céu e o chão fizeram. Nessa estrofe, infere-se que há a união entre o eu lírico com o “outro” de seu “eu” (FIGUEREDO, 2007) e que essa união possibilitou o conhecimento de algo que a vida queria dizer. Ao observar a estrofe em questão, compreende-se que o conhecimento só é alcançado por meio da interação. Aqui, torna-se possível fazer uma relação com o fato de a língua ser social e histórica como postulam (MARCHEZAN, 2006); (FIGUEREDO, 2007) quando afirmam que a língua é um fenômeno social. Sobre isso, torna-se viável atribuir ao último verso da estrofe o caráter social da língua. A voz seria a língua e a vida as relações

sociais construídas por meio da língua, sendo essas relações passíveis de efetivação desde que haja um processo interacional entre os sujeitos envolvidos.

Continuando a análise da música, percebe-se na estrofe seguinte algo que merece atenção. Vejamos a seguir:

O sol é o pé e a mão
O sol é a mãe e o pai
Dissolve a escuridão

A estrofe em questão, novamente, esboça uma relação entre sujeitos opostos que se articulam a fim de estabelecerem uma construção mútua (MAGALHÃES E OLIVEIRA, 2011). Nesse trecho o sol aparece como figura central e as relações/interações entre sujeitos opostos são responsáveis pela configuração do protagonista da estrofe. O verso “O sol é o pé e a mão”, assim como o verso “O sol é a mãe e o pai”, estabelece uma relação entre os opostos “mãe e pai” e “pé e mão” em que um é o outro de seu eu (FIGUEREDO, 2007).

Nessa estrofe, sendo o sol o protagonista, infere-se que a sua constituição se dá a partir da interação entre os opostos, fortalecendo as falas de Geraldi (2003); Bezerra (2005) e Fiorin (2017) quando estes afirmam que a constituição dos sujeitos se dá a partir do momento em que há um processo interacional e dialógico entre os diversos “eus” presentes em tal processo.

Em relação ao verso “Dissolve a escuridão”, outra relação dialógica se estabelece. A princípio tem-se uma nova relação construída entre opostos, uma vez que, “sol” e “escuridão” são o oposto um do outro nesse contexto. Aqui, a escuridão assume caráter pejorativo/ruim e o sol, enquanto fator proveniente da interação, rompe a escuridão, mostrando a força entre a interação dos opostos. Esse trecho da música esboça que a partir de um processo interacional entre os opostos “pai e mãe” e “pé e mão” o sol, como agente protagonista, foi constituído e dissolve algo pejorativo para o contexto, neste caso, a escuridão. Essas interações reforçam que “o sujeito não se constitui na medida em que se desprende do outro, mas, ao contrário, o sujeito se constitui na medida em que se relaciona com os outros” (GERALDI, 2003, p. 81).

Seguindo no leito da música, novas representações do dialogismo vão sendo descobertas. As estrofes seguintes mostram fatores que reforçam a fala de Bakhtin (1997; 2006); Brait (2001); Geraldi (2003); Figueredo (2007) e Fiorin (2017) sobre a língua enquanto fator construído social e culturalmente. Observemos o trecho a seguir:

O sol se põe se vai
E após se pôr
O sol renasce no Japão
Eu vi também
Só pra poder entender
Na voz a vida ouvi dizer

Ao observar o trecho da música que se refere ao fato de que “o sol renasce no Japão”, é possível refletir sobre os discursos que são socialmente construídos (BAKHTIN, 2006). Quando tem-se em mente o enunciado “o sol renasce no Japão”, nota-se que esse discurso ganha legitimidade em função de um discurso presente em nossa cultura que diz que em uma esfera espacial estamos socialmente inseridos em posição oposta ao Japão. Tal fato fortalece a tese de que a língua/linguagem é socialmente construída no tempo e no espaço, uma vez que, a língua é um fenômeno social que se dá a partir de sua interação verbal com o contexto no qual ela circula (FIGUEREDO, 2007).

Sobre a relação entre língua e sociedade, o trecho da música ganha ainda mais autenticidade diante da teoria dialógica quando colocada de frente ao que diz (GERALDI, 2003, p. 78) ao afirmar que a língua é “produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade.” Ainda sobre essa relação, entende-se que esses discursos reproduzidos em uma esfera social são “marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade” (MARCHEZAN, 2006, p. 118), uma vez que o discurso “o sol renasce no Japão” diz respeito a algo que está cultural, social e historicamente construído em nosso contexto (FIGUEREDO, 2007).

Ainda seguindo o fluxo da música, encontra-se na estrofe a seguir algo que merece ser destacado à luz da teoria bakhtiniana. Vejamos:

E o meu lugar é esse
Ao lado seu, meu corpo inteiro

Dou o meu lugar, pois o seu lugar
É o meu amor primeiro
O dia e a noite, as quatro estações

A estrofe acima reflete a ideia de completude que se dá a partir do momento em que há a interação entre os indivíduos, uma vez que, “o indivíduo constitui-se em relação ao outro” (FIORIN, 2017, p. 60). Quando o eulírico afirma que “E o meu lugar é esse/Ao lado seu, meu corpo inteiro”, infere-se que ele afirma que a sua completude depende, necessariamente, do outro de seu eu para que ele se torne um “corpo inteiro”. Nessa relação, mostra-se em evidência a fala de MAGALHÃES E OLIVEIRA(2011, p. 106) em que “o outro aparece ao mesmo tempo como figura e como fundo na relação com a palavra, como construtor do sujeito, ao mesmo tempo em que construído por ele, numa relação de mútua constituição”.

O verso “O dia e a noite, as quatro estações” ainda reflete a ideia de completude. A priori, há a relação de opostos (FIORIN, 2017) a partir de “o dia e noite” e em seguida mostra-se em evidência o trecho “as quatro estações” que, neste contexto, esboça uma relação de ciclo completo a partir de um processo interacional. Os versos anteriores “E o meu lugar é esse/Ao lado seu, meu corpo inteiro” mostram a necessidade do “outro” na construção do “eu” (GERALDI, 2003). O uso da expressão “as quatro estações” se relaciona diretamente à relação de completude que é construída com a expressão “meu corpo inteiro”, uma vez que as quatro estações dão ideia de que um ciclo foi construído e consolidado, sendo esta consolidação efetivada a partir da união entre quatro estações diferentes. Portanto, o ciclo só é viável a partir da interação entre elas, pois sem a presença de uma sequer a “completude” seria completamente inviável.

A estrofe que corresponde ao refrão apresenta muita relevância diante da teoria do Dialogismo. Observemos a seguir:

Que os braços sentem
E os olhos vêem
E os lábios beijam
Dois rios inteiros
Sem direção

Essa estrofe mostra a importância da união entre dois indivíduos para que seus objetivos sejam alcançados. Os versos “Que os braços sentem/E os olhos veem/E os lábios beijam” mostram que é de extrema importância a união entre os membros citados. Nota-se que todos são citados pelo eu lírico no plural, pois no singular torna-se inviável a consolidação do que a letra da música propõe, uma vez que, o abraço não se consolida apenas com um braço, assim como um lábio não beija sem o outro e dois olhos enxergam melhor que apenas um. Diante da letra da estrofe, percebe-se que a junção/interação entre os membros atuam em unidade mediante as suas funções. Esse aspecto fortalece ainda mais a ideia de que “um só se constitui a partir da interação com o outro” como bem postulou Geraldi (2003); Bakhtin (2006); Figueiredo (2007); Fiorin (2017), entre outros.

Os versos “Dois rios inteiros/Sem direção” possibilitam pensar nos rios como algo que ao se encontrarem em completude são capazes de seguir seus fluxos. Esse trecho permite a relação entre a música com a metáfora de Geraldi (2003) em que o autor afirma que o interior de um rio depende, necessariamente, de seu exterior, pois é seu exterior (margens) que o definem e o demarcam como um rio. Quando estabelecemos a relação entre interior e exterior, a fala de Geraldi (2003) ganha autenticidade dentro da música, pois o autor afirma que “o que me constitui como sujeito que sou é o que está fora de mim” (GERALDI, 2003, p. 81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões elencadas, foi possível notar os desdobramentos em relação à construção das concepções de língua. Com base nos estudos de Weedwood (2002), notou-se que as discussões iniciadas em torno da língua desde os primórdios contribuíram para chegar ao que se entende por língua/linguagem à luz das teorias bakhtinianas.

Ao refletir sobre a relação entre o Dialogismo e a música “Dois Rios”, percebe-se que é possível encontrar traços dialógicos da música, uma vez que ela estabelece relações entre opostos, ao mesmo tempo em que a relação eu/outro se mostra em evidência. No decorrer da música, foi possível notar que essa relação entre opostos foi de

extrema importância para que os elementos se constituíssem no corpo da música (FIORIN, 2017).

Obviamente, a música não foi escrita pensando em uma concepção linguística, entretanto, notou-se que ao refletir sobre ela, partindo do pressuposto dialógico, a teoria bakhtiniana ficou em evidência. A letra da música ainda permite esboçar que a interação é de extrema importância em qualquer processo dialógico. As palavras usadas para compor a música só estabelecem sentido a partir do momento em que são contextualizadas e colocadas em oposição uma a outra, reafirmando a fala de Fiorin (2016) quando o autor afirma que um discurso só se legitima a partir do momento em que é colocado junto a outro.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, p. 91-104.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin : outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: Martellota. Mario Eduardo. (Org.). *Manual da Linguística*. São Paulo. Contexto, 2008.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 45-68.
- FIGUEREDO, Carla Janaína. *Construindo Pontes: A Produção oral dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua-cultura estrangeira*. 300 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FUZA, Ângela; OHUSCHI, Márcia; MENEGASSI, Renilson. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

GERALDI, João Wanderley. O que é língua. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, **Suzana (Orgs.)**. *Conversa com linguistas: virtudes e controvérsias da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O que quer, o que pode esta língua? Teorias lingüísticas, ensino de língua e relevância social. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *A relevância social da Língua*. São Paulo: Parábola, 2006.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; OLIVEIRA, Wellington de. *Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade*. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 2011.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Mauro Mendes da; COX, Maria Inês Pagliarini. As linhas mestras do novo paradigma de ensino de língua materna. *Polifonia*, Cuiabá, n. 5, p. 27-48, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

WEEDWOOD, Barbara. *História Concisa da Linguística*. Trad. BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Ramon Borges Portilho possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás e é mestrando do Programa Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – PPG-IELT /UEG

Maria Eugênia Curado possui graduação em Letras pela Faculdade Cora Coralina da Universidade Estadual de Goiás; mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, bolsista CAPES e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente do PPG-IELT –UEG.